

Dr. Alexis Carrel

A ORAÇÃO

Seu Poder e Efeitos



Introdução

A Nós - homens do Ocidente - a razão parece-nos muito superior à intuição, preferimos grandemente a inteligência ao sentimento. A ciência irradia, ao passo que a religião extingue-se. Seguimos Descartes e abandonamos Pascal.

Desta maneira, procuramos principalmente desenvolver em nós a inteligência. Quanto às atividades não intelectuais do espírito, tais como o senso moral, o senso do belo e – sobretudo – o sentido do sagrado, são desprezadas por forma quase completa. A atrofia destas atividades fundamentais torna o homem moderno um ser completamente cego, e essa enfermidade não lhe permite ser um bom elemento constitutivo da sociedade. É à má qualidade do indivíduo que temos de atribuir o desmoronamento da nossa civilização. De fato, o espiritual torna-se tão indispensável ao bom sucesso na vida como o intelectual e o material. É, portanto urgente fazer renascer em nós mesmos aquelas atividades mentais que, mais do que a inteligência dão, a força à nossa personalidade. E a mais ignorada dentre elas é o sentido do sagrado ou o sentimento religioso.

O sentido do sagrado exprime-se, sobretudo, pela oração. A oração, como o sentido do sagrado, é, evidentemente, um fenômeno espiritual. Mas, encontrando-se o mundo espiritual fora do alcance das nossas técnicas, como devemos, portanto, adquirir um conhecimento positivo da oração? Felizmente, o domínio da ciência abarca a totalidade do que é observável e pode, por intermédio da fisiologia, estender-se até às manifestações do espiritual. Assim, é pela observação sistemática do homem que reza que nós poderemos aprender em que consiste o fenômeno da Oração, a técnica da sua produção e os seus efeitos.

1. Definição de oração

A Oração parece ser essencialmente uma tensão do espírito para o substractum imaterial do mundo. Duma maneira geral, consiste numa queixa, num grito de angústia, num pedido de socorro e, por vezes, converte-se numa serena contemplação do princípio imanente e transcendente de todas as coisas. Podemos igualmente defini-la como uma elevação da alma até Deus, ou como um ato de amor e adoração para com Aquele a quem se deve esta maravilha a que se chama vida. De fato, a oração representa o esforço do homem para comunicar com um ser invisível, criador de tudo o que existe suprema sabedoria, força e beleza, pai e salvador da cada um de nós. Longe de consistir numa simples recitação de fórmulas, a verdadeira oração representa um estado místico em que a consciência se absorve em Deus. Este estado não é de natureza intelectual e, por isso, conserva-se inacessível para filósofos e sábios; da mesma forma que o sentido do belo e do amor, não exige qualquer conhecimento livresco. As almas simples sentem Deus tão naturalmente como sentem o calor do sol ou o perfume duma flor; mas este Deus, tão abordável para aquele que O sabe amar, se oculta àquele que O não sabe compreender. O pensamento e a palavra sentem-se impotentes para descrevê-lo. É por isso que a oração encontra a sua mais alta expressão num arroubo de amor através da noite escura da inteligência.

2. Como se deve orar

Como se deve orar? Aprendemos a técnica da oração com os místicos cristãos desde S. Paulo até S. Bento, e até essa multidão de apóstolos anônimos que, durante vinte séculos, iniciaram os povos do Ocidente na vida religiosa. O Deus de Platão era inacessível na sua grandeza; o de Epiteto confundia-se com a alma das coisas e Jahveh era um déspota oriental que inspirava terror e não amor. O Cristianismo, pelo contrário, colocou Deus ao alcance do homem. Deu-lhe uma face; fê-lo nosso pai, nosso irmão e nosso salvador. Para atingir Deus, já não há necessidade dum cerimonial complexo nem de sacrifícios sangrentos. A oração tornou-se assim fácil, e a sua técnica simples.

Para orar, basta somente o esforço de nos elevarmos até Deus; tal esforço, porém, deve ser afetivo e não intelectual. Uma meditação sobre a grandeza de Deus, por exemplo, não é uma oração, a não ser que seja, ao mesmo tempo, uma expressão de amor e de fé. E assim a oração, segundo o processo de La Salle, parte de uma consideração intelectual para logo se tornar afetiva. Seja curta ou longa, seja vocal ou apenas mental, a prece deve ser semelhante à conversa que uma criança tem com seu pai. "Cada um apresenta-se conforme é", dizia um dia uma pobre Irmã de Caridade, que há trinta anos queimava a sua vida ao serviço dos pobres. Em suma: ora-se como se ama – com todo o nosso ser.

Quanto à forma da oração, varia desde a curta elevação a Deus até à contemplação; desde as simples palavras pronunciadas pela camponesa que ajoelha perante a Cruz na encruzilhada dos caminhos até à magnificência do Canto Gregoriano sob as abóbadas duma catedral. A solenidade, a grandeza e a beleza não são necessárias para a eficácia da oração. Poucos homens tem sabido orar como S. João da Cruz ou como S. Bernardo de Clairvaux, não havendo necessidade de se ser eloquente para ser atendido. Quando se avalia o valor da oração pelos seus resultados, as nossas mais humildes palavra de súplica e de louvor são tão aceitáveis ao Senhor de todos os seres como as mais belas invocações. Fórmulas recitadas maquinalmente são, também, de qualquer forma, uma oração. Sucede o mesmo que acontece com a chama dum círio. Basta para isso que essas fórmulas e essa chama material simbolizem o arrebuo dum ser humano para Deus. E também se ora por meio da ação, pois já S. Luis Gonzaga dizia que o cumprimento do dever é equivalente à oração. A melhor maneira de comunicar com Deus é, incontestavelmente, cumprir integralmente a sua vontade.

“Pai Nosso, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade na terra como no céu...” E fazer a vontade de Deus consiste, evidentemente, em obedecer às leis da vida, tais como elas se encontram gravadas nos nossos tecidos, no nosso sangue e no nosso espírito.

As orações, que se elevam como uma pesada nuvem da superfície da terra diferem tanto umas das outras como diferem as personalidades daqueles que rezam. Mas consistem em variações sobre estes dois mesmos temas – a amargura e o amor. É inteiramente justo implorar o auxílio de Deus para se obter aquilo de que temos necessidade; no entanto, seria absurdo pedir a realização dum capricho ou pedir aquilo que devemos procurar por nosso esforço. O pedido constante, obstinado e intenso é bem sucedido. Um cego, sentado à beira do caminho, lançava as suas súplicas cada vez mais alto, apesar pessoas que o queriam mandar calar. “A tua fé curou-te”, disse Jesus que passava. Na sua forma mais elevada, a oração deixa de ser uma petição. O homem declara ao Senhor de todas as coisas que O ama, que lhe agradece as suas dádivas e que está pronto a realizar a sua vontade, seja ela qual for. A oração torna-se contemplação. Um velho camponês estava sentado sozinho no último banco da igreja vazia. “Que esperais?”, perguntaram-lhe, “Olho para Ele”, respondeu esse homem, “e Ele olha para mim”. O valor duma técnica avalia-se pelos seus resultados. Toda Técnica da oração é boa, quando põe o homem em contato com Deus.

3. Onde e quando se deve orar

Onde e quando se deve orar? Pode-se orar em toda a parte: na rua, num automóvel, num vagão, no escritório, na escola, na oficina. Mas ora-se melhor em campos, nas montanhas, nos bosques ou na solidão do quarto. Há, também, as orações litúrgicas que se fazem na igreja; mas, seja qual for o lugar da oração, Deus não fala ao homem, se este se não mantiver num estado de calma. A calma interior depende, ao mesmo tempo, do nosso estado orgânico e mental e do meio em que nos encontramos mergulhados; mas a paz do corpo e do espírito é difícil de conseguir no meio da confusão, do barulho e da dispersão das cidades modernas. Hoje em dia há necessidade de lugares destinados à oração, e este são de preferência as igrejas, onde os habitantes das cidades poderão encontrar, embora num curto instante, as condições físicas e psicológicas indispensáveis à sua tranquilidade interior. Não seria difícil nem custoso criar assim umas ilhotas de paz, acolhedoras e belas, no meio do tumulto das grandes capitais. No silêncio destes refúgios, os homens poderiam, elevando o seu pensamento para Deus, repousar os seus músculos e órgãos, distender o espírito, clarificar o raciocínio e cobrar a força necessária para poderem suportar a dura vida com que os acabrunha a nossa civilização.

É só tornando-se um hábito que a oração atua sobre o caráter, sendo preciso, portanto, orar frequentemente. "Pensa em Deus mais vezes do que respiras", dizia Epíteto. É absurdo que oremos de manhã e que, no decorrer do dia, nos comportemos como bárbaros. Pensamentos muito curtos ou invocações mentais podem manter o homem na presença de Deus, e toda a nossa maneira de proceder é então inspirada pela oração. Assim compreendida, a prece torna-se uma maneira de viver.

4. Efeitos da oração

A Oração é sempre seguida dum resultado, desde que seja feita em condições convenientes. “Nunca homem algum orou sem aprender alguma coisa”, escreveu Ralph Waldo Emerson. No entanto, o orar é considerado pelos homens modernos como um hábito que caiu em desuso, uma vã superstição ou um resto de barbarismo. Por isso, ignoramos quase completamente os seus efeitos.

Quais são, de fato, as causas dessa ignorância? Em primeiro lugar, a raridade da oração. O sentido do sagrado está prestes a desaparecer entre os civilizados, sendo provável que o número dos franceses que oram não vá além de 4 ou 5 por cento da população. Depois, a oração é muitas vezes estéril, visto que a maior parte daqueles que oram são egoístas, mentirosos, orgulhosos e fariseus incapazes de fé e de amor. Por último, os seus efeitos, quando se chegam a produzir, escapam-nos muitas vezes. A resposta aos nossos pedidos e ao nosso amor é dada usualmente por uma forma lenta, insensível e quase inaudível. A débil voz que murmura essa resposta no mais íntimo de nós é facilmente abafada pelos ruídos do mundo, e os próprios resultados materiais da oração são obscuros, pois se confundem geralmente com outros fenômenos. Poucas pessoas, mesmo entre os padres, tem tido ocasião de observá-los por uma forma precisa; os próprios médicos, por falta de interesse, deixam muitas vezes sem estudo certos casos que se encontram ao seu alcance. Por outro lado, os observadores ficam muitas vezes desorientados pelo fato de que a resposta está, em muitos casos, longe de ser aquela que se esperava. Assim, aquele que implora a cura de uma doença orgânica continua doente, mas sofre uma profunda e inexplicável transformação moral. No entanto, o hábito da oração, embora seja uma exceção no conjunto da população, é relativamente frequente nos agrupamentos que se mantêm fiéis à religião dos antepassados. E é nesses agrupamentos que se torna ainda possível estudar a sua influência. Entre os seus inumeráveis efeitos, o médico tem oportunidade de observar, sobretudo, aqueles que se chamam psicofisiológicos e curativos.

5. Efeitos psicofisiológicos

A oração atua sobre o espírito e sobre o corpo por uma forma que parece depender da sua qualidade, da sua intensidade e da sua frequência. É fácil conhecer qual é a frequência da oração e, numa certa medida, a sua intensidade; quando à qualidade, mantém-se desconhecida, visto que não possuímos meio de medir a fé e a capacidade de amor de outrem. No entanto, a maneira como vive aquele que ora pode-nos esclarecer sobre a qualidade das invocações que ele dirige a Deus. Mesmo quando a oração é de fraco valor e consiste, principalmente, na recitação de fórmulas, exerce um efeito sobre o comportamento do indivíduo: fortifica, ao mesmo tempo, o sentido do sagrado e o senso moral. Os meios onde se ora caracterizam-se por certa persistência do sentimento do dever e da responsabilidade, por menos inveja e maldade, e por certa bondade para com os outros. Parece estar demonstrado que, em igualdade de desenvolvimento intelectual, o caráter e o valor moral são mais elevados entre os indivíduos que oram, mesmo por forma medíocre, do que entre os que não oram.

Quando a oração é habitual e verdadeiramente fervorosa, a sua influência torna-se mais manifesta, e podemos compará-la à de uma glândula de secreção interna, como, por exemplo, a tiroide ou a suprarrenal. Consiste numa espécie de transformação mental e orgânica, transformação essa que se opera por uma forma progressiva. Dir-se-ia que no mais profundo da consciência se acende uma chama. O homem vê-se tal qual é. Põe a descoberto o seu egoísmo, a sua cupidez, os seus juízos errados e o seu orgulho. E, então, verga-se ao cumprimento do dever moral, procurando adquirir a humildade intelectual. Assim abre perante ele o reino da Graça. Pouco a pouco, vai-se produzindo um apaziguamento interior, uma harmonia de atividades nervosas e morais, uma maior resignação perante a pobreza, a calúnia e as canseiras, bem como a capacidade de suportar, sem enfraquecimento, a perda dos seus, a dor, a doença, e a morte. Por tal motivo, o médico que vê o seu doente orar deve-se regozijar com isso, pois a calma proveniente da oração é uma poderosa ajuda para a terapêutica.

No entanto, não devemos assemelhar a oração à morfina, visto que a prece origina, ao mesmo tempo que a calma, uma integração das atividades mentais e uma espécie de floração da personalidade. Por vezes, produz mesmo o heroísmo e marca os seus fiéis com um selo particular. A pureza do olhar, a tranquilidade do porte, a alegria serena da expressão, a virilidade do comportamento e, se for necessário, a simples aceitação da morte do soldado ou do mártir, traduzem a presença do

tesouro que se oculta no íntimo dos órgãos e do espírito. Sob esta influência, mesmo os ignorantes, os retardados, os fracos e os mal dotados utilizam melhor as suas forças intelectuais e morais. A oração, segundo parece, eleva os homens acima da estatura mental que lhes pertence de harmonia com a sua hereditariedade e a sua educação. Este contato com Deus impregna-os de paz. E a paz irradia deles. E levam a paz para toda a parte para onde vão. Infelizmente, não há, hoje em dia, senão um número ínfimo de indivíduos que sabem orar duma maneira eficiente.

6. Efeitos curativos

São os efeitos curativos da oração que, em todas as épocas, tem despertado principalmente a atenção dos homens. Hoje ainda, nos meios em que se reza, é corrente ouvir-se falar de curas obtidas graças a súplicas dirigidas a Deus ou aos seus santos. Mas, quando se trata de doenças susceptíveis de se curarem espontaneamente ou com a ajuda de medicamentos vulgares, é difícil saber qual foi o verdadeiro agente da cura. É apenas em casos em que a terapêutica é inaplicável, ou em que ela não produziu efeito, que os resultados da oração podem ser verificados por forma segura. A repartição médica de Lourdes tem prestado um grande serviço à ciência, demonstrando a realidade dessas curas. A oração tem, por vezes, um efeito que poderemos chamar explosivo. Há doentes que tem sido curados quase instantaneamente de afecções tais como o lúpus facial, cancro, infecções renais, tuberculose pulmonar, tuberculose óssea, tuberculose peritoneal, etc. O fenómeno produz-se quase sempre da mesma maneira: uma grande dor e, em seguida, a percepção de se estar curado. Em alguns segundos ou, quando muito, em algumas horas, os sintomas desaparecem e as lesões orgânicas cicatrizam.

O milagre é caracterizado por uma extrema aceleração dos processos normais de cura. E nunca tal aceleração foi observada, até ao presente, no decorrer das experiências feitas por cirurgiões e fisiologistas.

Para que estes fenómenos se produzam, não há necessidade de que o doente ore, pois tem sido curadas em Lourdes criancinhas que ainda não falavam e, até, pessoas descrentes. Alguém, porém, orava perto delas. A oração feita por outrem é sempre mais fecunda do que a feita pela própria pessoa. É da intensidade e da qualidade da prece que parece depender o seu efeito. Em Lourdes, os milagres são muito menos frequentes do que o eram há quarenta ou cinquenta anos. É que os doentes já lá não encontram aquela atmosfera de profundo recolhimento que ali reinava outrora: os peregrinos tornaram-se turistas e as suas preces são ineficazes.

Tais são os resultados da oração de que eu tenho um conhecimento certo. No entanto, ao lado destes, há muitos outros. A história dos santos, mesmo dos mais modernos, relata-nos muitos fatos maravilhosos, e não há dúvida de que a maior parte dos milagres atribuídos, por exemplo, ao cura d'Ars são absolutamente verídicos. Este conjunto de fenómenos conduz-nos para um mundo novo, cuja exploração não foi ainda iniciada, mas que há-de ser fértil

em surpresas. O que sabemos já por forma segura é que a oração produz efeitos palpáveis. Por muito estranho que isto nos possa parecer, devemos considerar como verdadeiro que quem pede recebe e que sempre se abre a porta a quem bate.

7. Significado da oração

Em suma: tudo se passa como se Deus escutasse o homem e lhe respondesse: os efeitos da oração não são uma ilusão. Não é preciso reduzir o sentimento do sagrado à angústia experimentada pelo homem perante os perigos que o rodeiam e perante o mistério do universo. Tampouco será preciso fazer da oração uma poção calmante, um remédio contra o medo do sofrimento, da doença ou da morte. Qual é, portanto, o significado do sentimento religioso? E qual é o lugar que a própria natureza assinala à oração na nossa vida? Convençamo-nos de que esse lugar é muito importante. Em quase todas as épocas, os homens do Ocidente oraram. A cidade antiga era, principalmente, uma instituição religiosa. Por toda a parte os romanos erigiram templos e os nossos antepassados da Idade-Média cobriram de catedrais e de capelas góticas o solo da Cristandade. Ainda nos nossos dias, acima de cada aldeia, ergue-se um campanário. Foi por meio das igrejas, como pelas Universidades e pelas fábricas, que os peregrinos vindos da Europa instauraram no Novo Mundo a civilização do ocidente. No decorrer da nossa história, a oração tornou-se uma necessidade tão elementar como a de conquistar, de trabalhar, de construir ou de amar. De fato, o sentimento religioso parece ser um impulso que brota do mais profundo da nossa natureza, ou seja, uma atividade fundamental. As suas variações num agrupamento humano estão quase sempre ligadas às das outras atividades básicas – o senso moral, o caráter e, por vezes, o sentimento do belo. E é esta parte tão importante de nós mesmos que deixamos atrofiar e, até, desaparecer.

Precisamos de nos lembrar de que o homem não pode sem grave risco, deixar-se conduzir ao sabor da sua fantasia.

Para que triunfemos, a vida tem de ser levada de harmonia com regras invariáveis e que dependem da sua própria estrutura.

Corremos sempre um perigo importante, quando deixamos morrer em nós qualquer atividade fundamental, seja ela fisiológica, intelectual ou espiritual. Assim, por exemplo, a falta de desenvolvimento dos músculos, do esqueleto e das atividades não racionais do espírito, em certos intelectuais, é tão desastrosa como a atrofia da inteligência e do senso moral em alguns atletas. Há inumeráveis exemplos de famílias prolíficas e fortes que não produziram senão degenerados ou que se extinguiram, após o desaparecimento das crenças dos seus antepassados e do culto da honra. Aprendemos, por uma dura experiência, que a perda do senso moral e do sentimento religioso, na maioria dos elementos

ativos duma nação, tem, como resultado, a perda dessa mesma nação e a sua sujeição ao estrangeiro. A queda da Grécia antiga foi precedida por fenômeno análogo. É evidente, portanto, que a supressão de atividades mentais exigidas pela natureza é incompatível com o êxito da vida.

Na prática, as atividades morais e religiosas estão ligadas umas às outras. O senso moral desaparece logo após o desaparecimento do sentimento religioso. O homem não conseguiu construir, como queria Sócrates, um sistema de moral que fosse independente de toda a doutrina religiosa. Todas as sociedades que põem à margem a necessidade de orar estão em via de declínio. E é por isso que todos os que são civilizados – crentes ou descrentes – se devem interessar por este grave problema do desenvolvimento de cada atividade básica, de que o corpo é capaz.

Qual é a razão por que o sentimento religioso desempenha um papel tão importante no êxito da vida? Por meio de que mecanismo atua a oração sobre nós? Neste ponto, deixamos o domínio da observação para entrarmos no da hipótese. Mas a hipótese, mesmo quando ousada, é necessária ao progresso do conhecimento.

Devemo-nos lembrar, primeiramente, de que o homem é um todo indiviso, composto de tecidos, de líquidos orgânicos e duma consciência. Não está, portanto, inteiramente compreendido nas quatro dimensões do espaço e do tempo, pois a consciência se reside nos órgãos, prolonga-se ao mesmo tempo para fora do continuum físico. Por outro lado, o corpo vivo, que nos parece independente do seu meio material, isto é, do universo físico, e, na realidade, inseparável dele. Assim, está intimamente ligado a esse meio pela necessidade constante do oxigênio do ar e dos alimentos que a terra lhe fornece. Não nos será, pois, permitido acreditar que estamos mergulhados num meio espiritual, sem o qual não podemos passar como não podemos passar sem o universo material, isto é, a terra e o ar? E esse meio não será outro senão o ser imanente em todos os seres e que a todos transcende, ao qual chamamos Deus. A oração poderia, portanto, ser considerada como agente das relações naturais entre a consciência e o meio que lhe é própria, e como uma atividade biológica dependente da nossa estrutura. Por outros termos: como uma função normal do nosso corpo e do nosso espírito.

Conclusão

Em resumo, o sentimento do sagrado assume, em relação com as outras atividades do espírito, uma singular importância, porque nos põe em comunicação com a imensidade misteriosa do mundo espiritual. É pela oração que o homem vai até Deus e que Deus entra nele. Orar é um ato que se mostra indispensável para o nosso supremo desenvolvimento. Não devemos considerar a oração como um ato praticado apenas pelos fracos de espírito, pelos mendigos ou pelos cobardes.

“É vergonhoso orar”, escrevia Nietzsche. Não é mais vergonhoso orar do que beber ou respirar. O homem tem necessidade de Deus como tem necessidade de água e de oxigênio. Juntamente com a intuição, com o senso moral, com o senso do belo e com a luz da inteligência, o sentimento do sagrado dá à personalidade o seu pleno desabrochar. E não se pode por em dúvida que o êxito da vida exige o desenvolvimento integral de cada uma das nossas atividades fisiológicas, intelectuais, afetivas e espirituais. O espírito é, ao mesmo tempo, razão e sentimento. Temos de amar a beleza da ciência e também a beleza de Deus. É necessário que escutemos Pascal com o mesmo fervor com que escutamos Descartes.

FIM



Fraternidade Rosacruz - Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Telefone celular: (21) 9548-7397 - E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com

